

CANADART, VIII. Revista do Núcleo de Estudos  
Canadenses da Universidade do Estado da Bahia,  
V. 8, jan./dez. 2000

Celina Scheinowitz

*Universidade Estadual de Feira de Santana*

O Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade do Estado da Bahia está divulgando para o público o nº VIII de CANADART. Publicação anual, o periódico vem ininterruptamente, desde sua criação em 1993, cumprindo sua missão de vetor para temas canadenses bem como para temas ligados à história cruzada Brasil/Canadá. Em um contexto de adversidade para as revistas universitárias brasileiras que, às vezes, por contingências técnicas e financeiras, se vêem obrigadas a desacelerar suas investidas editoriais, merecem parabéns a Universidade Estadual da Bahia e a Profa Denise Lavallée, no centro desse sucesso, como editora da publicação desde o primeiro número e como coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses da UNEB.

Em edição bem cuidada graficamente, CANADART traz em suas capas um toque de originalidade e um estilo todo

especial que a singulariza: constrói-se esteticamente a partir de ilustrações do artista canadense Marc Tetro que, explorando com sobriedade as cores puras, privilegia em seu desenho o ser humano, que aparece repetido e multiplicado, com rostos em manchas monocromáticas vazados de identidade própria e sem semblante, como para expressar a idéia de nação e de solidariedade identitária, ao tempo em que denota um segmento da sociedade canadense. O presente número encerra uma tríade de inuit, agachados e de pernas cruzadas, com madeixas negras reunidas em cada ombro e recobertos por vestimentas sóbrias e pesadas, apropriadas para resistir ao inverno. No fundo, uma tenda indígena com touros totêmicos estilizados na mesma indefinição monocromática. Um medalhão engloba o conjunto representativo desse segmento autóctone da população canadense mas sem

que consiga retê-lo, os índios dele se liberando, em uma escapada esboçada para fora de seus limites. Predominam as cores marrom, dos corpos humano e animal, e o amarelo, que lhes serve de fundo, às quais se acrescentam o vermelho da pele indígena com seis pinceladas esféricas em azul, nos brincos dos inuit, e o negro dos contornos e das cabeleiras.

Compõem o volume duzentos e vinte e quatro páginas que reúnem, além de uma apresentação, por Maria Celeste Freitas Moreira, da UNEB, Campus IV, Jacobina, ensaios sobre Teatro, Comunicação, Literatura, Economia e Sociedade, Política e uma Resenha.

Dois professores da Universidade Estadual de Feira de Santana contribuem na publicação: Geraldo Ferreira de Lima e Humberto Luiz L. de Oliveira. O primeiro, docente de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, abre a coletânea, com seu trabalho “Dramaturgia canadense: um bom exemplo para o Brasil”, na rubrica “Teatro”. Sustenta que, na busca de uma dramaturgia que expressasse a nacionalidade e construísse uma identidade, os autores canadenses esbarravam em duas dificuldades, o

distanciamento dos padrões europeus e a rejeição ao apelo pragmático e utilitarista americano. Daí a concretização de um projeto que se cristalizou em torno do livro *Establishing our boundaries: English Canadian theatre criticism* e que colocou em destaque o papel da crítica na conscientização de se criar uma dramaturgia própria. Nessa perspectiva floresceu uma multidramaturgia polifônica, na qual o multiculturalismo emerge como força vitalizadora de novos cânones. O autor conclui sugerindo à dramaturgia brasileira, que guarda semelhança com a canadense em sua formação histórica, espantar os fantasmas de sua condição colonial e construir uma realidade menos atada à obediência de modelos com os quais ela não se identifica.

Dupla é, nesse número, a contribuição de Humberto Luiz L. de Oliveira, professor de Língua e Literatura Francesas da Universidade Estadual de Feira de Santana e coordenador do Núcleo de Estudos Canadenses dessa instituição. É tradutor do artigo “O índio americano no teleteatro e na telenovela do Quebec (1952-2000)”, de René Legris, da Universidade do Quebec em Montreal, apresentado na secção

“Comunicação” e autor do ensaio “Ashini, hino da alteridade: uma leitura divergente na narrativa de Yves Thériault”, na secção “Literatura”, que ele compartilha com Sandra Regina Goulart de Almeida, da Universidade Federal de Minas Gerais.

O trabalho de René Legris, que juntamente com três outros de autoria canadense compõe a secção “Comunicação”, põe em pauta a problemática dos indígenas no Canadá, percebidos, surpreendentemente, como estrangeiros. Com base em um *corpus* de teleteatros e telenovelas, analisa o ameríndio, questionando-se as relações interétnicas que se manifestam sob um prisma desordenado em toda parte.

Na rubrica “Comunicação” incluem-se ainda trabalhos dos seguintes universitários canadenses: Mary Jane Miller, da Universidade de Brock, Marie Cusson e Greg Nielsen, da Universidade Concórdia e Raymond Pagé da Universidade do Quebec em Trois Rivières. O primeiro, “Shehawe through anglophone eyes”, enfoca a minissérie da televisão Shehawe, numa busca de desmitificação para um grupo de mitos profundamente enraizados; já “La satire à la Radio-Canada et à la radio

privée”, de autoria de dois professores acima citados da Universidade Concórdia, destaca, ao estudar a sátira difundida pelo rádio, a divergência entre aquela apresentada na rádio pública, mais engajada socialmente, e a originária da rede particular, destinada às camadas mais cultas da população, menos comprometida com o plano social e político; o terceiro estudo, “Le catéchisme du radiodramaturge”, analisa as palestras do comunicador de Radio Canada, Robert Choquette, realizadas em 1951, cujo texto reescreve os preceitos do “Petit catéchisme” da Igreja Católica do Quebec, combinando um discurso sobre a moral com um discurso sobre o método, que permite a Choquette introduzir uma nota de humor, em uma leitura do tema que se torna mais leve e menos didática.

Humberto Luiz L. de Oliveira volta à cena na secção “Literatura” com seu trabalho “Ashini, hino da alteridade: uma leitura divergente na narrativa de Yves Thériault”. O autor transita, com competência e sensibilidade, em um terreno que lhe é caro: é um especialista na obra de Yves Thériault, notadamente no livro aqui em destaque, tema de sua dissertação de mestrado, apresentada à UFBA. Inicia sua análise mostrando que a vida do

escritor permeia a obra: ao dar voz ao ameríndio Ashíni, Thériault se situaria na crença de que ele próprio seria neto de um índio “montagnais”. A seguir, o autor estuda a despossessão dos autóctones que permite a Ashíni assumir a missão de libertar o seu povo; num percurso insólito, o índio faz o inventário de sua própria história e a de seu povo, a fim de recuperar valores e exorcizar fantasmas ligados à sua cultura. Ao recriar no texto narrativo a integração do ameríndio com a natureza, numa adesão ao mito do bom selvagem, Humberto Luiz L. de Oliveira ultrapassa essa leitura, mergulhando-a em uma simbologia cristã: faz ressignificar a função do xamã ameríndio, aproximando a agonia do autóctone à do Cristo no calvário. Conclui vendo *Ashini* como obra de maturidade intelectual e existencial de um escritor que “propõe uma releitura das questões identitárias e, ao elevar o autóctone à condição de herói narrativo, convida o leitor a celebrar a convivência entre os homens entoando o hino da alteridade”.

Sandra Regina Goulart Almeida, também na secção “Literatura”, apresenta seu texto “The assemblage of facts in a tangle of hair: Daphne Marlatt’s

– Biography of Mrs. Richards”, com o qual focaliza o romance *Ana Historic*, de Daphne Marlatt, publicado em 1988. Trata-se da biografia de uma mulher, Mrs. Richards, no decorrer de cuja narrativa, esta se confunde aos poucos com a biografia da biógrafa, Annie. Com efeito, ao tentar desvendar os mistérios da vida de Mrs. Richards, ela acaba por decifrar os enigmas de sua própria vida. O trabalho objetivo analisar os mecanismos de construção do gênero na história e os limites da biografia na experiência do sujeito feminino.

A secção “Economia e Sociedade” apresenta duas contribuições, uma originária da Universidade de Buenos Aires, “Estableciendo un padrón de desarrollo: exportar para el Imperio”, onde Cristina Lucchini investiga a participação dos industriais canadenses, particularmente no ramo automobilístico, durante o período entre as duas guerras, 1920-1940, e outra procedente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de autoria de Cristina Damim, vencedora do prêmio CANADART 1999, com “As aves, os parques nacionais: Brasil e Canadá no 3º Milênio”, discussão das relações cruzadas Brasil/Canadá, a partir de um

ponto de vista ecológico e geográfico.

Na rubrica “Política”, somam três os estudos apresentados: uma tríade a focalizar a Revolução Tranqüila. Dois olhares vêm do Brasil, o de Celso Azzan Jr., da Universidade Federal de São Carlos, “Antropologia e sociedade no Quebec da Revolução Tranqüila: notas sobre o processo de formação da antropologia quebequense de língua francesa” e o de Remy de Souza, da Universidade Federal da Bahia, “A Revolução Tranqüila”: um centrado em questões antropológicas, outro com reflexões sobre esse processo ímpar da sociedade canadense, de quebra de valores sociais e culturais com uma revolução sem sangue. O terceiro olhar descamba do Quebec, vem de Sílvia Galipeau, em artigo controvertido “E depois da Revolução Tranqüila?”, publicado no jornal *Le Devoir*, em 3 de abril de 2000, aqui traduzido por Denise Lavallée. Um balanço dos efeitos e uma projeção para o porvir; conquistas e desafios.

A revista CANADART se encerra com resenha de Nubia Hanciau, da Fundação Universidade do Rio Grande: “Do Quebec aos pampas: Bernard Andrès e o possível diálogo entre o Brasil e o Canadá”. Modulação temática em torno desse francês “pied-noir”, nascido no norte da África, de onde saiu, provavelmente em 1962, com a retirada maciça dos franceses. Canadense por adoção, Bernard Andrès mantém laços estreitos com o Brasil, compartilhando com Zilá Bernd a responsabilidade por várias publicações e intercâmbios acadêmicos. O ponto de partida temático é a publicação recente, pela editora Québec Amérique, de Montreal, de *L'énigme de Saies Laterrière* (1743-1815), com 872 p., monumental afresco histórico sobre o primeiro memorialista quebequense.

CANADART VIII, fiel à sua concepção interdisciplinar, ao concentrar vozes de canadianistas de várias origens, ilustra a idéia de “circularidade do mundo que implica o igualitarismo de todos os seres”, qual *Ashini*, e oferece uma leitura instigante, como tentamos mostrar nesta resenha.